

1 Tessalonicenses – 1 Coríntios: A doutrina de Paulo das últimas coisas*Craig L. Blomberg, Ph.D.**Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Introdução

Após a epístola aos Gálatas, em ordem cronológica, as próximas cartas escritas, segundo a mais provável reconstrução da cronologia do Novo Testamento, são as duas epístolas de Paulo aos Tessalonicenses.

De nossa análise do livro de Atos, lembramo-nos de que Paulo havia evangelizado Tessalônica como parte de sua segunda viagem missionária, não muito tempo antes de prosseguir para a cidade de Corinto, onde Gálio estava no poder. E, devido a referências cruzadas de outras histórias da época, podemos datar esse tempo de Paulo em Corinto por volta dos anos 50, 51 ou 52 d.C. e, portanto, o ministério em Tessalônica imediatamente antes desse período. Paulo parece ter escrito as cartas durante o seu período em Corinto, de modo que podemos datar as cartas para aquele mesmo período, e seu ministério em Tessalônica, relativamente pouco antes de escrever essas duas epístolas.

II. Livros 1 e 2 Tessalonicenses

Os habitantes da cidade de Tessalônica eram consideravelmente mais urbanos, e urbanizados, que os das diversas cidades do planalto rural do sul da Galácia, mas ainda estamos muito longe, em Tessalônica, da cultura e da história que cercavam cidades como Atenas ou Roma. Mencionamos que uma maneira de ler Atos 17, reconhecidamente não a única, é que os diversos sábados que Paulo passou arrazoando com os judeus em Tessalônica antes de eles, finalmente, o expulsarem da cidade, podem refletir um período relativamente curto, talvez apenas um mês, de ministério ali.

Se essa suposição estiver certa, então 1 Tessalonicenses, em particular, é importante devido ao considerável elogio, particularmente nos três primeiros capítulos, que Paulo esbanja

aos tessalonicenses. De fato, parece haver pouca teologia detalhada ou correções a comportamentos e práticas que Paulo deseje fazer, certamente nada de iminentemente tão grande quanto o problema da judaização que vimos na epístola aos Gálatas. Mas, quando ele chega ao ponto mais exortativo de sua carta, nos capítulos 4 e 5, um tema teológico de destaque ocupa a atenção de Paulo e, de fato, é um tema ao qual ele retorna novamente em 2 Tessalonicenses.

A. Questões escatológicas

E esse é o tema da escatologia — a doutrina cristã acerca do “fim dos tempos”, das circunstâncias que precederiam imediatamente a volta de Cristo, e de tudo que aparentemente esse retorno envolveria. A partir de 1 Tessalonicenses 4:13 e incluindo todo o capítulo 5, parecia haver alguma preocupação, talvez devido a um ou mais cristãos de Tessalônica terem morrido recentemente, de que, de alguma maneira, eles estariam em desvantagem por não serem capazes de viver até a parousia, isto é, a segunda vinda de Cristo.

Então, a preocupação de Paulo na parte exortativa de 1 Tessalonicenses era acalmar esses medos. O simples fato de Jesus dizer que voltaria em breve não significava que poderíamos prever o momento exato. De fato, poderia haver muitos que morreriam antes do Seu retorno. De fato, poderia ser que esses tessalonicenses, como outros cristãos acerca dos quais lemos em outras partes do Novo Testamento, estivessem preocupados com que, de alguma maneira, o ensino Jesus acerca de Seu breve retorno estivesse sendo falsificado.

Nos dias de hoje, a cerca de 2.000 anos de distância daquele período, essa preocupação parece quase risível. Mas, com um intervalo de vinte anos entre a morte de Cristo, talvez 30 d.C., e a correspondência de Tessalônica em 50 ou 51, é preciso levar muito a sério essa contagem e perceber que, se de fato alguns dos primeiros cristãos pensavam que Jesus voltaria dentro de semanas, meses ou até poucos anos após Sua ascensão, o problema da Sua demora seria muito compreensível. Se alguém quiser resumir a mensagem teológica de Paulo referente à escatologia em 1 Tessalonicenses, bastaria dizer: “Ele ainda está para vir em breve”.

Curiosamente, e antes de nos voltarmos para o real conteúdo da carta, se compararmos aquela ênfase em 1 Tessalonicenses com a de 2 Tessalonicenses, veremos temas em equilíbrio e, até

certo ponto, contrastantes. Em 2 Tessalonicenses 2:2, Paulo tem de encorajar os tessalonicenses a que não ficassem preocupados tão rápido por uma carta ou um relato, ou então algum tipo de notícia, talvez até mesmo, supostamente, com a vinda de Paulo e companhia, que dissesse que o retorno do Senhor tivesse chegado, que o Dia do Senhor tivesse ocorrido. Poderia muito bem ser — talvez em analogia com certas linhas de pensamento gregas e até mesmo gnósticas — que se houvesse pensado que a segunda vinda de Cristo fosse uma espécie de retorno invisível e que aquelas pessoas, que fossem verdadeiros crentes, estivessem cientes disso e, de alguma maneira, as outras pudessem tê-lo perdido.

Há várias outras maneiras possíveis de entender a preocupação dos Tessalonicenses, mas o objetivo principal da resposta de Paulo em 2 Tessalonicenses era, em essência, dizer: “Eu lhes disse uma vez que ele ainda estava por vir em breve, mas não exagerem em quão breve isso tem de ser. Ele não virá tão cedo.” E, de fato, o cerne teológico de 2 Tessalonicenses, o capítulo do meio, o capítulo 2 dos três dessa carta breve, lida com os sinais que ainda precisarão ocorrer antes de Cristo poder voltar.

B. Conteúdo

Voltaremos e faremos algumas aplicações contemporâneas dessa dupla preocupação referente à escatologia, depois de examinarmos o conteúdo das duas cartas. Mas, voltemos especificamente a 1 Tessalonicenses, que tem sido chamada de carta exortativa. Como mencionamos, não há grandes problemas éticos para Paulo resolver. De fato, os três primeiros capítulos de 1 Tessalonicenses são a única seção mais longa de louvor contínuo, não interrompida por qualquer crítica importante, escrita a qualquer das igrejas para as quais as cartas apostólicas estão preservadas — uma alta homenagem a uma comunidade cristã nascente, que pode não ter tido a vantagem do evangelismo e ministério direto de Paulo durante mais do que algumas semanas.

Um versículo que retrata bem o favor e prazer de Paulo para com os tessalonicenses envolve o efeito evangelístico de seu jovem ministério: 1:7 diz “... vos tornastes o modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia”. O versículo 8 continua: “De vós repercutiu a palavra do Senhor não só na Macedônia e Acaia, mas também por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus”. Ele prossegue dizendo que não precisa contar às outras pessoas acerca da fé exemplar dos tessalonicenses: outros, presumivelmente incluindo até não cristãos, já tinham vindo a ele e trazendo à tona

o tema — um belo exemplo do tipo de fé à qual todos os cristãos, jovens ou velhos, devem aspirar.

Como foi que eles foram capazes de responder de maneira tão rápida e com tanto sucesso? Um versículo que destaca a resposta chave para essa pergunta aparece em 2:13, quando Paulo escreve: “Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes.” Reconhecer a mensagem do evangelho como a Palavra de Deus inspirada, mostra-se crucial para se responder adequadamente a essa mensagem.

C. Esboço de 1 Tessalonicenses

Então, um esboço em miniatura de toda a epístola aos Tessalonicenses, a primeira das duas escritas por Paulo, começa com a convencional introdução e as ações de graças, que a carta aos gálatas havia omitido, em 1:1-10. Depois, prossegue descrevendo o ministério de Paulo em Tessalônica, em 2:1-16; passando a descrever os sentimentos de Paulo desde que deixou Tessalônica, em 2:17—3:13. E então, tendo concluído o corpo da parte informativa da carta, procede às exortações finais — particularmente, embora não exclusivamente, em torno desse tema da escatologia, 4:1—5:28, incluindo as saudações finais.

D. Teologia de 1 Tessalonicenses

Voltando ao início do corpo da carta, então, com o capítulo 2, podemos comentar acerca do modelo de seu ministério em Tessalônica, descrito por Paulo. Nos versículos 7 e 11, ele usa a linguagem de natureza paternal, comparando-se tanto a uma mãe que amamenta quanto a um pai carinhoso, preocupado com essa congregação nascente como os pais se preocupam com seus filhos. Pode-se argumentar que, se uma pessoa não tiver essa compaixão íntima e familiar para com quem está cooperando em um ministério, logo ficará esgotada ou desistirá, devido aos exigentes desafios que o ministério impõe. Ao retornarmos à seção exortativa da carta, pulando aquelas que são, em grande parte, capítulos de informações acerca da saudade que Paulo sente dos Tessalonicenses e acerca das viagens e idas e vindas de Timóteo como seu emissário, chegamos então à parte particularmente controversa da carta.

O que, de fato, Paulo ensina acerca dos tempos finais? Isso está em 1 Tessalonicenses 4, e é somente dessa passagem em toda a Escritura que o termo “arrebato” se deriva — embora diversos estudiosos acreditem que ele seja ensinado em diversos outros lugares. Ao explicar os eventos que cercarão o retorno de Cristo e colocarão e igualar aqueles que estiverem vivos quando Ele voltar aos que morreram em Cristo, em total pé de igualdade, Paulo faz essa declaração em 4:17.

“Nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor”. Historicamente, há três diferentes esquemas para se compreender a relação desse Arrebatamento — termo derivado do latim *raptus*, que significa “arrebatado” — e para se traduzir a expressão “ser arrebatados com Cristo no ar”. Alguns viram isso como um evento bastante separado do retorno público de Cristo, muitas vezes denominado Sua segunda vinda. Outros o consideraram o mesmo evento, visto por uma perspectiva diferente. E ainda um terceiro grupo, embora a absoluta minoria dos três, o considerou um evento intermediário entre o início da Tribulação, descrita por outras passagens proféticas da Escritura, e a vinda de Cristo.

Você pode ter ouvido expressões como visões pré-tribulacionista, intertribulacionista ou pós-tribulacionista do Arrebatamento, e é isso que esses termos estão descrevendo. Todavia, para sermos justos com Paulo, precisamos salientar que essa passagem nada diz explicitamente acerca de qualquer tribulação e, portanto, toda e qualquer tentativa de correlacionar esse texto ao tema requer a referência cruzada e a integração de outras passagens da Escritura, de maneiras que, em última análise, é especulativa em maior ou menor grau.

Mas é interessante, pelo menos, destacar a existência de outro termo chave nessa passagem; especificamente, a reunião que ocorre com o Senhor no ar, que, na língua grega, era frequentemente usada para um encontro, uma reunião ou uma festa de comemoração com reis ou generais visitantes, retornando triunfantes para casa em suas cidades. Seria, então, muito adequado usar esse tipo de reunião metaforicamente, quando Cristo estiver, de fato, retornando do céu para a terra. Então, “ser arrebatados para encontrar o Senhor no ar” não é, por esse ponto de vista, levar os cristãos ao céu durante certo período de sete anos de tribulação, por exemplo, apenas para voltarem com Cristo após esse período, mas, em vez disso, é muito semelhante

à analogia de uma comissão de boas vindas que sai da cidade para ir encontrar seu general ou rei de regresso em triunfo e escoltá-lo de volta, em celebração e vitória.

Se essa linguagem, essa metáfora e esses paralelos são o que Paulo tinha em mente, então pode muito bem ser que o entendimento pós-tribulacionista do Arrebatamento seja a melhor compreensão das palavras de Paulo aqui. Mas qualquer que seja o ponto de vista que se adote, não se deve permitir que isso divida a igreja de Jesus Cristo. Afinal, o versículo seguinte, que encerra o capítulo 4, é “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”. O capítulo 5 passa a alertar ou incentivar os tessalonicenses — a estarem alertas para não serem surpreendidos. Eles podem não ser capazes de calcular o momento da volta de Cristo, mas podem, pelo menos, estar sempre atentos e vigilantes para não serem surpreendidos como um ladrão surpreende um chefe de família no meio da noite.

E. Esboço de 2 Tessalonicenses

Como mencionamos anteriormente, a razão pela qual Paulo teve de escrever 2 Tessalonicenses tão rapidamente após 1 Tessalonicenses pode ter a ver, paradoxalmente, com o sucesso de sua primeira epístola. Se, de fato, ele estava enfatizando que o Senhor ainda estava por vir em breve, alguns podem ter tomado esse tema, ampliando-o e exagerando-o demais, de modo que a doutrina do retorno iminente de Cristo, a crença de que Cristo poderia voltar a qualquer momento, foi realmente substituída pela crença na iminência do retorno de Cristo, de que Ele teria de voltar dentro de um período de tempo muito curto e específico.

Para compensar essa perspectiva teológica, o cerne de 2 Tessalonicenses envolve destacar alguns sinais que ainda terão de ocorrer. Um esboço em miniatura de 2 Tessalonicenses envolve apenas três seções, uma por capítulo. O primeiro capítulo inclui, novamente, a introdução e ação de graças convencionais; o cerne informativo da carta vem em 2:1-12 — os sinais que ainda virão antes do fim; e a parte mais exortativa, com saudações finais, ocupa 3:1-18.

F. Teologia de 2 Tessalonicenses

Mais uma vez, é o ensinamento escatológico dessa breve carta que alimentou o maior número de controvérsias interpretativas. Ao desacreditar, no capítulo 2, a noção de que o Dia do Senhor

já tivesse chegado, Paulo o fez descrevendo determinados sinais que ainda ocorrerão. O primeiro deles, encontrado no versículo 3, é que o dia não viria até que ocorresse a rebelião e o homem da iniquidade fosse revelado, o homem condenado à destruição. Essas eram aparentes alusões a uma doutrina judaica, bem conhecida já no primeiro século, segundo a qual, imediatamente antes da plena chegada da era messiânica, surgiria um grande governante mundial, que seria o principal antagonista e hostilmente se oporia a Deus e a todos os Seus propósitos.

Mais tarde, João apela a esse mesmo cenário e cunhará o termo “anticristo” para se referir a tal indivíduo. O outro sinal, apresentado nos versículos 5 e 6, é que alguém ou algo estava retendo esse anticristo, impedindo que esse homem da iniquidade fosse revelado, para que ele o fosse no momento adequado. E o versículo 7 do capítulo 2 diz:

“Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém”. Esse poder ou pessoa “restritiva”, como é frequentemente denominado em algumas traduções, foi novamente identificado com muitas diferentes entidades: o próprio Deus, Deus por meio do Espírito Santo, Deus por meio da Igreja, e assim por diante. Essas são declarações polêmicas e difíceis, mas são lembretes de que haverá um clímax e a culminância do poder e da hostilidade de más influências no mundo imediatamente anterior ao retorno de Cristo. Não obstante, elas não são descritas em linguagem suficientemente específica para nós podermos dizer que o nosso mundo é tão bom que esses eventos não poderiam começar a se desenrolar muito rápida e dramaticamente, conduzindo ao fim.

O capítulo 3 também inclui algumas declarações muito interessantes de Paulo, com base em indícios que ele havia inserido em sua primeira epístola, acerca de cristãos de Tessalônica que não estavam trabalhando. Era preciso advertir os ociosos. E, em 2 Tessalonicenses 3:10, aqueles que não estão dispostos a trabalhar (não os que não conseguiam encontrar trabalho, mas aqueles que não estavam dispostos a trabalhar) não deveriam sequer comer. Historicamente, os cristãos frequentemente pensavam que esse problema tinha algo a ver com os problemas dos tessalonicenses com a escatologia: talvez eles pensassem que o retorno de Cristo era tão iminente, que poderiam deixar seus empregos e simplesmente esperar a chegada do fim.

Em anos mais recentes, a essa possível explicação teológica foi

acrescentada uma explicação mais sociológica, na qual, pela arqueologia em Tessalônica, foram descobertas evidências de que grandes subdivisões das partes mais pobres da cidade viviam em instalações comuns que hoje poderíamos chamar de cortiços. É bastante provável que os cristãos dali continuavam a celebrar as refeições comunais diárias, juntamente, talvez, com a Ceia do Senhor; e essa pode muito bem ter sido a questão mais sociológica quanto a se todos os cristãos estavam dispostos a trabalhar e, portanto, ser capazes de participar dessas refeições comunitárias, amorosas festas de compartilhamento, que está envolvida nas admoestações de Paulo.

Se compararmos isso em 1 e 2 Tessalonicenses, teremos um excelente entendimento acerca da resposta cristã adequada a todas as questões complexas e incertas que cercam o Seu retorno. Ele pode estar aparentemente atrasado; Ele pode voltar mais cedo do que se espera. Nós simplesmente não temos como saber. Não ousamos viver nossas vidas como se soubéssemos que ainda temos anos pela frente para viver. Nem ousamos viver como se soubéssemos que não temos.

É preciso evitar a mentalidade de estado de sítio de alguns pós-tribulacionistas que pensam que precisaremos passar pelo pior, e armazenar [alimentos] e nos preparar para esperar ataques de todos os não cristãos de fora, que querem [roubar] o que temos. Precisamos, também, igualmente evitar o derrotismo de alguma especulação pré-tribulacionista que vê o mundo simplesmente como um navio afundando, para que tentemos salvar tantas almas quanto possível, mas não está preocupada de maneira mais holística com as necessidades das pessoas em corpo e em espírito. Se contrabalançarmos 1 e 2 Tessalonicenses, teremos um equilíbrio escatológico muito bom e evitaremos erros que têm atormentado as igrejas, tanto antigas e quanto modernas.

III. Introdução à Primeira Epístola aos Coríntios

Após escrever 1 e 2 Tessalonicenses em Corinto, Paulo continuou suas viagens; e a próxima carta que ele escreveu — muito maior do que as duas cartas aos tessalonicenses juntas — foi a primeira epístola aos coríntios. É preciso lembrar que esses leitores vinham de uma das cidades mais imorais do antigo Império Romano. Embora Paulo tivesse passado quase um ano e meio ali, aquela ainda era uma das igrejas mais imaturas a que qualquer autor apostólico tinha de se dirigir. Paulo estava em Éfeso, e como aprendemos de 16:3, aparentemente chegando ao fim de

sua estada de três anos lá, quando escreveu essa epístola. Assim, podemos situar 1 Coríntios aproximadamente no ano 55 d.C.

A. Resposta a perguntas

Seu esboço é muito fácil de discernir, talvez mais do que em qualquer outra carta apostólica. Ele estava respondendo a perguntas que lhe foram feitas pela igreja cristã de Corinto. Os seis primeiros capítulos se referem e respondem a perguntas trazidas pessoalmente por alguns mensageiros vindos de Corinto a Éfeso, na casa de Cloe. Aprendemos sobre isso no capítulo 1. No início do capítulo 7, porém, Paulo se volta a assuntos acerca dos quais os cristãos de Corinto escreveram. A partir disso inferimos que eles enviaram também escreveram e enviaram uma carta, que foi entregue a Paulo.

B. Teologia de 1 Coríntios

Além disso, o esboço de 1 Coríntios prossegue simplesmente como uma lista de verificação das respostas de Paulo a esses muitos problemas. Há, porém, uma questão importante, se é que alguma ideologia ou teologia específica ou erro teológico possa unificar todas estas diversas perguntas. Claramente, há facções na igreja; os capítulos 1 a 4 as abordam diretamente, mas elas estão por trás de todas as questões que se seguem ao longo da carta.

Mas há aqui também um espírito de filosofia helenística, um dualismo semelhante ao que vimos em nossa pesquisa do gnosticismo, mas mais endêmico na filosofia grega do que dentre os gnósticos — aquele dualismo que via o mundo material como inerentemente mau e que, portanto, levou a maioria das pessoas desse sistema filosófico a uma forma de estilo de vida asceta ou de negação do mundo, mas uma importante minoria, a um estilo de vida hedonista ou mais indulgente.

Ao lermos a lista de verificação de problemas que Paulo tem de tratar ao longo de sua carta, a maior parte deles pode ser associada a uma ou a outra destas alas de uma aberrante filosofia grega. Pode-se também falar da igreja de Corinto sendo unificada em seus muitos erros por um espírito triunfalista — um espírito de falsa maturidade. Eles pensavam que haviam atingido o alvo, espiritualmente falando; quando, na verdade, Paulo tinha, infelizmente, de lembrá-los das tantas maneiras pelas quais eles deixavam a desejar.

Então, a primeira questão que Paulo aborda nos capítulos 1 a 4, novamente após a convencional introdução e ação de graças, é a resposta às facções — aqueles que estão dizendo “Eu sou de Apolo” ou “Eu sou de Pedro” ou de Paulo, ou de Cristo. Não temos certeza exata do que cada uma dessas facções representava. Historicamente, com frequência presumiu-se haver uma divisão teológica, talvez muito parecida com o problema dos judaizantes que perturbava as igrejas da Galácia e de Antioquia, de modo que talvez Pedro representasse uma facção judaizante; Paulo, uma forma de cristianismo mais livre da lei; Apolo, a sabedoria ou filosofia especulativa pela qual era conhecido, conforme [exposto em] nosso pequeno esboço de seu pano de fundo em Atos 18.

Mas não podemos ter certeza disso e, novamente, como vimos para a igreja de Tessalônica, pode haver também uma explicação sociológica. Pode ser que algumas dessas igrejas eram mais ricas ou mais pobres, que as pessoas se alinhassem com diferentes tratadores de poder na igreja. Existe uma grande quantidade de evidências de que vários problemas associados à carta aos Coríntios envolviam somente aqueles em posições de poder ou riqueza que poderiam estar capacitados a perpetrá-lo. De qualquer modo, o principal argumento de Paulo nos capítulos 1 a 4, em resposta a esta questão das divisões, era o de direcionar as pessoas para o exemplo da cruz.

Em 2:2, com algum excesso de exagero, ele diz: “decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”. Claramente, com essa carta ele descreveu muitas outras coisas sobre as quais ensinava, mas esse versículo está claramente mostrando a questão fundamental a que ele queria chamar repetidamente [atenção] dos coríntios briguentos, [que] é a loucura da cruz. O Messias crucificado, que era uma pedra de tropeço para os judeus, que acreditavam que Ele era amaldiçoado por Deus, e loucura para os gregos, porque seus deuses não morreram; foi, não obstante, a parte da mensagem de que Ele é o definitivo nivelador de todas as pessoas. O terreno é verdadeiramente plano ao pé da cruz.

Aprendizagem cristocêntrica— a qualquer momento, em qualquer lugar